



A SEDUÇÃO DA LEITURA

Fred Góes*

RIASSUNTO

Il punto centrale del presente articolo è l'idea che la conoscenza della propria lingua, con proprietà, saper utilizzarla scorrevolmente, è la massima espressione di cittadinanza. E questo che permette anche, la conoscenza della lingua dell'altro. La nostra lingua è il nostro patrimonio. Va sottolineato, anche, che siamo quello che diciamo, nel modo come facciamo.

* Professor
Associado II da
Faculdade de Letras
da UFRJ

Quando recebi o convite para participar do I Simpósio dos Cursos de Graduação do Centro de Letras e Artes, não aquilatei, a princípio, a importância da iniciativa do CLA em reunir os estudantes e professores das diferentes instituições formadoras do Centro para uma conversa ampla a partir de diversas motivações propostas pelos professores. Devo admitir que, naquela manhã de maio de 2009 em que nos reunimos no auditório do edifício da Reitoria, tive uma rara oportunidade, em minha longa trajetória docente de, efetivamente, trocar experiências, "passar a limpo" minha carreira no magistério, tendo como tema a fundamental importância da leitura na formação do indivíduo, de um cidadão.

Comentei acreditar piamente que a língua cria pertencimento. Conhecer com propriedade sua própria língua, saber utilizá-la escoreita é expressão máxima de cidadania. É o que permite estar a cavaleiro para conhecer a língua do outro. Nossa língua é nosso patrimônio. Não tenho dúvidas de que a gente é o que diz, do jeito que diz. Parole. O código, a convenção é a língua que caminha vertiginosa em busca de se explicar melhor e se fazer compreender, rastejando nas diversas prosódias, se reinventando como

expressão. É nossa mátria, é nossa pátria, é nossa frátria o que queremos, como nos sugere Caetano Veloso no *rap* Língua?

Observei de saída que ler não se restringe em juntar letras. Esta é a habilidade dos analfabetos funcionais. Ler é muito mais que isto, é, primeiramente, entender o texto lido e, num segundo momento, contextualizá-lo. O que significa dizer: entender aonde aquela pequenina peça cabe no grande quebra cabeça que é o mundo, a vida. É, portanto, estar atento, esperto, de olhos abertos para perceber o mundo criticamente.

A etimologia de "crítica" vem da palavra grega *krimein*, que significa "quebrar" e que também influenciou na formação da palavra "crise". Portanto, a verdadeira crítica, a que propomos seja feita por nossos alunos é a que "quebra" o texto, a obra, o acontecimento para que se ponha em "crise" a idéia que se fazia daquele texto ou fato, por meio de uma análise circunstanciada. Mas para se chegar neste ponto é preciso estar instrumentalizado de leituras, ser capaz de estabelecer ilações, inferências, promover diálogos entre os textos. Mais uma vez ... para isso é preciso ler, ler e ler. Como dizia o mestre Afrânio Coutinho, não interessa se você gosta de ler jornal, notícias esporádicas, revista em quadrinho, foto-novela,

revista de fofoca. O que realmente importa é se criar o hábito da leitura. Ler todo dia, nem que seja um pouquinho, mas fazer desta uma prática cotidiana. Mas não vale só ler, tem que entender o que está lendo.

Sou professor de teoria da literatura que além de ministrar aulas no mestrado e no doutorado, me especializei em receber os novatos. Dar aulas no curso básico, para os que chegam à Universidade, cheios de ilusão já foi, algumas vezes, objeto de crítica dos que defendem que professores experientes devem se dedicar aos cursos mais adiantados e os menos experientes ao curso básico. O pior é que isto é dito despreocupadamente como se não fosse um absurdo.

Entendo e considero legítimo o medo que a maioria dos estudantes tem de enfrentar os clássicos. Percebo que se trata muito mais de respeito do que medo propriamente dito. Acontece que eles desconhecem que o conceito de "clássico" se altera com o tempo e que a etimologia da palavra vem de "classe", uma vez que determinados textos tornaram-se canônicos por serem tradicionalmente adotados em sala de aula. São eles que alicerçam o edifício da leitura que se erguerá ao longo de nossa existência. Se pensarmos bem, nem José de Alencar, nem Machado de Assis eram clássicos para

seus contemporâneos como os consideramos hoje, tampouco, Chopin ou Beethoven, Leonardo Da Vinci e Michelangelo em seu tempo. A própria idéia de clássico ampliou sua fronteira significativa, passando a compreender atividades ou personalidades de destaque em suas áreas de atuação. É o que nos permite dizer que no universo do samba Noel Rosa e Pixinguinha são clássicos assim como no espaço do futebol, uma partida entre o Flamengo e o Fluminense.

O exercício da leitura provoca a curiosidade. Esta é, por sua vez, sintoma de uma prática fascinante, a pesquisa. O outro segmento luminar de nossa atividade como docente, a de pesquisador. Hoje, uma das minhas maiores satisfações profissionais é preparar os alunos de graduação no desenvolvimento de suas pesquisas de iniciação científica e artístico-cultural. Nossas reuniões semanais são extremamente animadas (no sentido mesmo de serem cheias de "anima", alma) e há sempre alguém apresentando uma nova descoberta, a solução para um momento de impasse, a resolução de um determinado "nó". Os momentos de exercício e apresentação dos resultados das pesquisas são extremamente gratificantes para mim porque o resultado é instantâneo. Percebe-se de

imediatamente o crescimento intelectual do aluno. É como se fosse possível ver naquelas cabeças crescerem as antenas que os conectam na rede do ensino/aprendizagem sem as dores e o sofrimento do aprendizado "obrigatório". É como perceber as panturrilhas definidas, alongadas e desenhadas nesta caminhada, nesta corrida.

A gente só aprende de verdade ou apreende aquilo que nos dá prazer, o que escolhemos, elegemos, admiramos.

Por meio dos livros se conhece a alma humana como em nenhuma outra circunstância da vida. Você pode saber profundamente sobre uma pessoa, ter com ela uma relação de intensidade extremada, mas nunca terá acesso a determinadas nuances de sua personalidade, repartições de sua psique, minúcias de sua pequenez. Isto só é possível através das personagens. Não é por outra razão que os psicanalistas buscam a compreensão de sintomas através do comportamento e do perfil das personagens. Não foi esta a fonte onde Freud bebeu para nomear a recorrência de determinados comportamentos? Não foi na literatura clássica grega que ele pesquisou os deslimites paradigmáticos da alma humana?

Através dos livros é possível viajar para onde se bem desejar, conhecer terras

e "mares nunca d'antes navegados", como diria Camões, no passado, no presente e no futuro. Através dos livros se vê o que está fora do nosso alcance cotidiano de visão e se chega, sem dificuldade, na percepção do exótico (ex-ótico, aquilo que está fora do nosso campo de visão). O maravilhoso, o fantástico, o surreal ou qualquer outra dimensão imaginativamente possível se materializam em palavras e nos permitem construir um mundo novo, paralelo.

O livro é o mais perigoso dos passaportes porque ele é o salvo-conduto para a Liberdade. Não é por outro motivo que uma das primeiras atitudes tomadas nos períodos de exceção é queimá-los, proibi-los.

Saber e sabor vêm da mesma raiz. Provar, conhecer, saber, saborear. A maçã do Paraíso nada mais é que uma metáfora deste risco. Por mordê-la, conhecendo-lhe o sabor, Adão e Eva foram para o degredo. Você pode perder tudo materialmente, inclusive o paraíso, mas o que guarda na cabeça ninguém pode roubar.

Em uma cela prende-se um corpo, nunca um espírito.

Não se pode perder de vista que o livro é um veículo poderosíssimo de transformação. Contar e ouvir histórias é constitutivo da humanidade, nos distingue das

outras espécies. Estamos na busca permanente de encontrar a razão de ser e estar no mundo. De onde viemos, para onde vamos? São perguntas que o homem se faz desde que deixou de ser símio. A literatura, através de sua teia de estratégias quase imperceptíveis, muitas vezes, amaina nossas angústias existenciais com suas histórias.

Quantas vezes uma personagem, o desenrolar de um acontecimento, nos permite perceber que não estamos sozinhos e que aquela dor, aquela dúvida constante se desvela numa determinada passagem de um romance, de um conto, de um poema, de uma letra de canção. Quem melhor que o poeta é capaz de nos ajudar a dar uma cambalhota na existência? Mas para que servem os poemas, qual a utilidade deles? Qual a função deles neste mundo prático, rápido, imediatista? Não servem para coisa nenhuma, não valem nada além de dar cambalhotas em nossa existência, assim como a arte, em geral. Poemas, canções, esculturas, pinturas, bales são desutilidades fundamentais. Sem elas seríamos bárbaros em permanente guerra, tendo o ódio como princípio.

Volta e meia alguém me pergunta: Professor por onde eu começo a ler? Eu respondo sempre, por onde seu coração mandar. Todos os caminhos são válidos, todos levam ao mesmo destino - o conhecimento. O que menos importa é o quanto se leu, mas como se leu, o que se aprendeu desta leitura.

Perguntam-me com frequência como se aprende a escrever. Respondo sempre que além de ter o necessário dom natural, carece de muita leitura, muita observação na forma como os diferentes escritores resolvem seus textos, o conjunto de elementos que caracteriza cada um deles, quais as recorrências estilísticas, vocabulares, temáticas, por exemplo. Quanto aos poetas, vale observar a utilização da carpintaria poética, as formas, as me-táforas, a construção das idéias e dos sentidos, as imagens, a musicalidade. É o que Ezra Pound chama de logopeia, fanopeia e melopéia.

Uma coisa é certa: quem se deixa seduzir pelos prazeres da leitura se torna de alguma forma uma pessoa sedutora. Uma pessoa especial. Só depende de você. Não há auto ajuda maior que ler.